

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º
	36 n.º	18 n.º	9 n.º	à entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	34800	16900	6950	5120
Possessões ultramarinas (idem)...	46000	23000	9500	6120
Extrang. (união geral dos correios)	56000	28500	11500	7120

16.º Anno — XVI Volume — N.º 515

Redacção — Atelier de Gravura Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

11 DE ABRIL DE 1893



CHRONICA OCCIDENTAL

Chegou a Lisboa, mas chegou muito doente, tão doente que ainda não sahi do Lazareto o illustre professor o sr. José Julio Rodrigues, cujas altas qualidades de homem de sciencia e de orador notabilissimo são por todos geralmente reconhecidas e admiradas.

O sr. José Julio Rodrigues partiu ha mezes para o Brazil e ahi estabeleceu a sua residencia, em S. Paulo, occupando muito distinctamente o cargo de redactor principal d'um jornal novo, que, no começo do anno se principiou a publicar com o titulo de *Comercio de S. Paulo*, n'aquella cidade.

Agora o illustre professor vem a Lisboa para, segundo se diz, tratar da sua jubilação como professor e voltar de todo para o Brazil; mas uma doença grave surprehendeu-o durante a viagem, d o e n ç a cujos symptomas por se me lhantes em parte, com os de doença suspeita, alarmaram a cidade e fizeram correr boatos assustadores de estar a febre amarella no Lazareto.

Felizmente esses boatos sinistros foram logo desmentidos; a doença de que padece o sr. José Julio Rodrigues, é, segundo dizem, uma interite aguda, acompanhada d'um violento ataque de itericia, mas o doente vae melhor e tudo faz esperar que em breve o possamos abraçar em Lisboa, já completamente restabelecido.

Fazemos os nossos votos porque assim seja.

Uma doença que tambem fez muita impressão em Lisboa foi a d'um medico illustre, um dos mais famosos operadores que hoje temos, o primeiro na sua especialidade, o nosso querido amigo o sr. dr. Arthur Furtado, doença causada por um desastre no exercicio das funções d'operador.

O Dr. Furtado tendo dado um insignificante golpe no dedo minimo

não fez caso d'isso e d'ali a dois dias foi operar um doente.

O virus do tumor que operava inoculou-se-lhe na pequenina ferida que tinha no dedo e d'ali a dias o eminente clinico cahia doente de cama com a mesma enfermidade do doente, que operara e esteve uns dias bastante mal.

Felizmente no dia em que escrevemos esta chronica o Dr. Arthur Furtado, já restabelecido da sua enfermidade, partiu para Amarante a completar a sua convalescença e dentro de dez dias regressará a Lisboa, a tomar conta dos seus doentes, e a reasumir a sua clinica, que é hoje uma das mais numerosas e importantes da nossa terra.

Hontem á tarde correu em Lisboa uma noticia

que fez profunda sensação mas que, no fim de tudo, não tinha importancia alguma.

Dizia-se que Sua Magestade El-Rei D. Carlos fora desacatado na Avenida, por um homem que se lançara na frente dos cavallos do phaeton, que El-Rei guiava, saltando gritos subversivos.

O facto era verdadeiro, mas o homem que tal fizera era um pobre rapaz de vinte annos, que já ha muito tempo está completamente louco.

Logo ás primeiras respostas que elle deu no interrogatorio, que se lhe fez, se viu que o desgraçado não estava no uso das suas faculdades intellectuaes e quando se reconheceu a sua identidade soube-se que ha já annos que o desgraçado está assim, em consequencia d'uma febre cerebral, que o acometeteu em Paris, onde fez um escandalo em pleno Theatro Francez.

O pobre rapaz depois de examinado pelos medicos foi enviado para um quarto particular do hospital de Rilhafolles.

Uma das suas manias, coitado, é a de ser o homem de mais talento da França!

Pobre doido!

Terminou a epoca lyrica em Lisboa e terminou de estalo, sem ninguém dar por isso.

Na quinta feira houve espectáculo, a festa artistica do barytono Kaschmam.

No sabbado estavam postos cartazes para a festa artistica da prima-donna Thereza Arkel.

Pela volta das quatro horas da tarde appareceram contra annuncios nos cartazes; não houve espectáculo e disse: estava terminada a epoca lyrica!

O caso fez certo espanto porque ninguém esperava que a epoca lyrica se despedisse assim, á franceza; depois constou que isso fora motivado por desintelligencias entre a illustre cantora e a empresa do theatro de S. Carlos e em confirmação d'essa noticia dizem hoje os jornaes que a senhora Thereza Arkel vae demandar o sr. Freitas Brito, e que para isso já instituiu seu procurador o advogado Dr. Franco de Castro.

A epoca lyrica acabou, mas como acontece sempre, antes de morrer de todo houve ainda uns pequeninos arrancos, que são sempre recolhidos



JOSÉ DUARTE RAMALHO ORTIGÃO

DELEGADO DO GOVERNO PORTUGUEZ NA EXPOSIÇÃO HISTORICO EUROPEA DE MADRID

(Vid. artigo «Exposição Historico Europea, etc.»)

(Copia de uma photographia do sr. A Bobone)

com um entusiasmo religioso pelos *dilletantis*, saboreados com delicias, como os entendedores saboreiam os ultimos golos d'um vinho precioso.

A sra. Theresa Arkel não se tendo podido despedir do publico de Lisboa no theatro de S. Carlos, despediu-se d'elle n'um brilhante concerto, que em sua honra deu, no salão do theatro da Trindade, a Real Associação de Amadores de Musica.

N'esse concerto em que tambem tomou parte o illustre barytono Kaschmann e o applaudido amator o sr. D. José d'Almeida, a sr.^a Arkel cantou esplendidamente duas romanzas de Schumann uma romanza de Tosti e uma aria de Mozart, tendo enorme ovação e sendo acompanhada a sua casa por muitos dos seus admiradores, que a victoriarão calorosamente.

Kaschmann teve tambem uma grande e merecida ovação e cantou maravilhosamente.

O sr. D. José d'Almeida foi igualmente muito applaudido e com verdadeira justiça.

No meio da primeira parte entrou na sala Alfredo Keil, que n'esse dia regressara a Lisboa.

O publico, apenas o viu, irrompeu em entusiasticos applausos e o illustre maestro foi levado ao tablado da orchestra e ali ruidosamente aclamado e applaudido por suas Magestades El-Rei D. Carlos e a rainha D. Amelia infante D. Affonso e todo o publico que enchia a sala.

O ultimo golo da epocha lyrica é hoje no theatro de S. Carlos, o beneficio das Creches em que Kaschmann se despede do publico, cantando o terceiro acto do Ernani.

N'esse beneficio canta-se tambem um acto da opera *Flavi* do sr. Adolpho Sauvinet, opera que não conhecemos ainda, mas de que nos dizem maravilhas.

E já que fallamos de S. Carlos, fallaremos da festa que n'esse theatro se deve realizar d'aqui a dois mezes, e que vale bem a pena de se pensar a serio e se discutir, pois tem obrigação de ser brilhantissima — a festa do centenario da inauguração do theatro.

O theatro de S. Carlos foi construido em 1793 por um grupo de capitalistas, hoje chamar-se-lhe-hia syndicato, de que faziam parte Joaquim Pedro Lumbella, Anselmo José da Cruz Sobral, Jacintho Fernandes Bandeira, Antonio Francisco Machado, João Pereira Caldas, e Antonio José Ferreira Solla.

As obras começaram no dia 8 de dezembro, estavam concluidas seis mezes depois e, na noite de 30 de junho de 1793 inaugurava-se o theatro, com a opera de Cimarosa *La ballerina amante*, desempenhada só por homens, pois o governo prohibia que mulheres representassem em espectaculos publicos.

No dia 30 de junho, portanto, faz cem annos que se inaugurou o theatro de S. Carlos e ácerca da maneira de festejar esse anniversario teem já apparecido varios alvitres, não havendo por emquanto nada de definitivamente resolido.

O tempo porém urge, o centenario do theatro está á porta, e já não é cedo para se tomar uma resolução e começar a trabalhar para a pôr em pratica.

Entre esses alvitres ha um que é com certeza o mais difficil de realizar, tão difficil que em absoluto é mesmo inteiramente impossivel de pôr em pratica, mas que sem contestação alguma era o mais brilhante, o mais interessante e fazia não só grande sensação em todo o paiz como tambem no estrangeiro.

Esse alvitre é o de resuscitar na noite de 30 de junho de 1893 no theatro de S. Carlos a recita da inauguração, a noite de 30 de junho de 1793; isto é representar-se a mesma opera, *La ballerina amante* e só por homens, se for possível arranjar entre os cantores d'egreja alguns que possam desempenhar os papeis dos antigos castrados, com o theatro illuminado todo pelo systema de iluminação, que tinha ha 100 annos, e os espectadores nas plateas e nos camarotes, homens e senhoras, musicos na orchestra, porteiros, tudo vestido á moda do fim do seculo passado.

E ia ainda mais longe o alvitre: não se limitava ao aspecto interior da sala, queria que as pessoas fossem para o theatro n'essa noite, tanto quanto possível, nos meios de locomoção que havia na epocha, cadeirinhas, sejes, e a familia real nos seus coches antigos; que o preço de todos os logares fosse o preço da inauguração, e pago, tanto quanto possível, é claro, na moeda da epocha.

Evidentemente este plano posto em pratica seria uma coisa notabilissima, uma resurreição historica extremamente curiosa; mas não passa d'uma utopia archeologica pois saltam aos olhos as difficuldades insuperaveis que se oppõe á sua realização, a começar pelo tamanho do theatro.

Para encher um theatro muito pequeno talvez fosse possível encontrar ainda umas cem ou du-

zentas pessoas, que pelo amor da arte se prestassem a tomar parte n'essa mascarada historica; para encher o theatro de S. Carlos é absolutamente impossivel.

Com respeito á iluminação e ornamentação da sala, e á reconstituição do espectaculo, não se dá a mesma difficuldade e parece-nos que vale a pena pensar n'isso e envidar todos os esforços para que essa resurreição historica se faça o mais completa que se puder fazer.

Outro alvitre é de festejar o centenario de S. Carlos dando n'essa noite uma opera portugueza antiga, desempenhada exclusivamente por cantores portuguezes, juntando n'essa noite no theatro de S. Carlos todos os nossos artistas lyricos de maior nomeada, Francisco e Antonio d'Andrade, Alvaro Salvaterra, Faustino da Rosa, Regina Pacini, Judice da Costa, Maria Cruz, etc.

Este alvitre não tem as mesmas difficuldades de execução do primeiro, mas tem outras não menos custosas de vencer, e não tem o mesmo brilho, nem a mesma originalidade, nem a mesma significação.

Falla-se em que se vae organizar uma comissão de *dilletantis* de S. Carlos, de que farão parte entre outros cavalheiros os srs. Visconde de Melicio, Benevides e Legros, para estudar estes alvitres e a maneira pratica de os executar. Parece-nos excellentemente isso, mas com a condição que seja quanto antes, porque para realizar qualquer d'elles é preciso muito boa vontade e tempo, e se a boa vontade sobeja na comissão, o tempo é que vae já faltando.

Nos theatros portuguezes tem havido n'estes ultimos dias uma grande porção de novidades.

No theatro do Gymnasio deu-se a *Filha do Major*, comedia original em tres actos do sr. Campos Junior, que vae fazendo uma brilhante carreira e que teve um entusiastico e justissimo acolhimento.

O sr. Campos Junior é um escriptor theatral de primeira plana, um talento notabilissimo de rara pujança, tem duas grandes qualidades para o theatro o espirito de observação e a *verve* da linguagem. A *Filha do Major* é um estudo humoristico da vida de caserna feito com carradas de talento e pilhas de graça e alcançou um triumpho completo e merecido.

No theatro da Trindade fez a sua estreia na musica theatral, o illustre maestro allemão o sr. Victor Hussla, o festejado auctor das *Rapsodias*, na peça fantástica do sr. Eduardo Schwalbach o talentoso auctor do *Intimo*, versos do sr. Eça Leal, a *Viagem do Rei Carrapato*. Auctores, maestro e actores foram muito applaudidos.

No theatro da rua dos Condes deu-se a opera comica original em 3 actos, o *Cocó, Reineta e Facada*, de que não podemos fallar, por que não queremos ser juiz em causa propria. Entretanto não podemos deixar de prestar a nossa homenagem ao talento enorme de Cyriaco de Cardozo, manifestado brilhantemente n'esta opera, como se manifestou no *Burro do sr. Alcaide* e no *Solar dos Barrigas*. A entrada do *Cocó, Reineta e Facada*, no 1.^o acto, e côro d'abertura do 2.^o acto, o *duetto d'amor*, o final d'esse acto são trechos magnificos, que fariam o orgulho dos mais brilhantes e illustres mestres no genero, sem contar os numeros de grande effeito nas plateas, como o duetto dos gallos, e as coplas e coró do cesto de flores, no 2.^o acto, a abertura da audiencia, o côro do atchim, e as coplas do gagó no terceiro acto.

No theatro do Principe Real deu-se a *Mala raza*, traduzida excellentemente em portuguez, pelo sr. Affonso Gomes, pseudonymo d'um escriptor de notaveis aptidões e já muito festejado em theatro.

A peça representou-se em beneficio da illustre actriz Amelia Vieira, que agradeou muito no drama, assim como tambem o distincto actor Soller, que foi applaudidissimo no papel, em que o publico de Lisboa mais applaudio o actor Vico, e é este o maior elogio do seu bello trabalho.

O theatro de D. Maria teve um enorme successo, com a peça *Os Castros*, de Marcelino de Mesquita, um dos mais brilhantes talentos do theatro contemporaneo, em dos mais poderosos dramaturgos portuguezes.

Os Castros estão feitos com uma energia desusada, escripta com uma grande pujança dramatica, e atravessa toda a peça um largo sopró de verdadeiro talento, que se impoz ao publico e lhe deu o seu grande triumpho. O desempenho da peça é magnifico. Fallaremos mais d'espaco.

Gervasio Lobato.

EXPOSIÇÃO HISTORICO-EUROPEA DE MADRID

Por occasião do centenario da descoberta da America por Christovão Colombo, celebrado em Madrid, realisou-se uma exposição Historico-Europea, a que Portugal foi convidado a concorrer, a qual ainda se conserva aberta, tendo a dirigil-a o sr. Ramalho Ortigão, delegado do governo portuguez, que em Companhia do sr. Pinheiro Chagas¹ representante do mesmo governo e presidente da comissão, organizaram a secção portugueza da mesma exposição, muito valiosa pelos importantes documentos expostos relativos ás nossas descobertas maritimas, como adiante se verá.

Esta exposição foi installada no palacio de Recoletos, onde a secção portugueza occupa as salas n.^o 26 e 27, as quaes foram decoradas por Boddallo Pinheiro com extrema elegancia e gosto, tomando por motivo da sua decoração o estylo verdadeiramente nacional da architectura manuelina, ou do renascimento em Portugal.

A gravura que publicamos a paginas 84 mostra bem a belleza e originalidade da decoração, feita a cordas torcidas formando porticos, que nos fazem lembrar a linda porta lateral da igreja de S. Julião, em Setubal, do convento da Madre de Deus, etc.

Os trabalhos de cordeame foram executados por marinheiros da nossa armada, sob a direcção do sr. Boddallo Pinheiro. Os moveis em que estão expostos os objectos, participam do mesmo estylo decorativo, aproveitando-se tambem azulejos para a decoração. Esses azulejos, reproduzidos dos que existem na igreja da Madre de Deus, na Sé velha de Coimbra, nos palacios da Bacalhõa, em Azeitão e real de Cintra, foram fabricados nas Caldas da Rainha, na fabrica de faiança dirigida pelo sr. Boddallo Pinheiro, assim como uma estatueta, em barro cosido, representando o glorioso infante D. Henrique, que se vê na primeira sala da exposição. As redes de pesca, fazem tambem parte da decoração, habilmente aproveitadas, como parte integrante do estylo manuelino, desde que a rainha D. Leonor, tomou para emblema das suas armas uma rede de pesca, em memoria da morte desastrosa de seu filho, o principe D. Affonso, cujo cadaver foi transportado por uns pescadores em uma rede de pesca.

A disposição dos objectos expostos foi intelligentemente dirigida pelo sr. Ramalho Ortigão, que mais uma vez affirmou a sua competencia e conhecimentos que o indicaram para esta importante comissão.

Ramalho Ortigão é um dos nossos homens de letras mais reputado, desde a publicação das *Farpas*, essa original critica da sociedade portugueza, que elle fez de collaboração com Eça de Queiroz, até ao seu ultimo livro publicado *A Hollanda*.

Não pretendemos fazer agora aqui a sua biographia, porque o fim principal d'este artigo, é registrar a exposição portugueza, feita em Madrid, e publicando o retrato do illustre escriptor, só temos em vista consignar a parte importante que tomou n'este certamen glorioso para Portugal, certamen que tem por fim dar a conhecer o papel que os portuguezes desempenharam no desenvolvimento das ideias geographicas, na navegação, nos descobrimentos e nas conquistas do Novo Mundo.

Assim a exposição tem por objecto: Contribuir para o estudo da ethnographia americana por meio de uma collecção de artefactos indigenas, trazidos principalmente do Brazil, pelos missionarios portuguezes, durante o regimen colonial anterior á independencia da nação brasileira.

Definir por meio de alguns documentos de arte, pintura, ourivesaria, mobilia e photographias de monumentos architectonicos, o grau de cultura e de civilização de Portugal durante os seculos XV e XVI.

Evidenciar com algumas demonstrações da pesca e da navegação nas costa de Portugal, que a indole do povo portuguez é todavia em nossos dias essencialmente maritima e aventureira.

E para satisfazer aos fins indicados foi a Exposição portugueza em Madrid, dividida nas secções seguintes:

- 1.^a Secção documental e bibliographica.
- 2.^a Secção de ethnographia americana.
- 3.^a Secção de arte ornamental.
- 4.^a Secção maritima.

Na SECÇÃO DOCUMENTAL E BIBLIOGRAPHICA vêem-se, entre outros, os documentos seguintes:

¹ Vid. *Ocidente* vol. XV, pag. 233 e 234.

O livro consagrado ao *Centenario do descobrimento da America* pela Commissão portugueza, contendo memorias dos srs. Theophilo Braga, Teixeira d'Aragão, Lopes de Mendonça, Baldaque da Silva e Prospero Peragalho, com um prologo do sr. Joaquim de Araujo.

O livro em que a Commissão portugueza resolveu publicar o resumo integral dos documentos do archivo nacional da Torre do Tombo, mais proprios para dar ideia das navegações e conquistas dos portuguezes desde o seu principio até fins do seculo XVI. Este livro de 450 paginas *in-folio*, foi collaborado pelos archeologos José Ramos Coelho, Raphael Basto, Xavier da Cunha e Prospero Peragalho. O indice dos *fac-similes* contidos n'esta obra é bastante para dar ideia da sua importancia. Entre os mencionados *fac-similes* figuram os de D. João I, D. Duarte, infante D. Pedro, D. Henrique, infante D. João, D. Affonso V, D. João II; e Dom Manuel; a pagina final do tratado de pesca entre os reis catholicos Fernando e Isabel e o rei D. João II; carta d'el rei D. Manuel a Affonso d'Albuquerque; carta de Affonso d'Albuquerque a D. Manuel; carta de Carlos V a D. João III; tratado sobre a posse commercio e navegação das Molucas entre D. João III e o imperador Carlos V, etc., etc. Passam de trezentos o numero de documentos colleccionados.

Impressão feita expressamente do manuscrito de Duarte Pacheco Pereira (1505), *Esmeraldo De Situ — Orbis*.

Os *descobrimientos portuguezes, e os de Colombo*, livro escripto n'esta occasião pelo sr. Pinheiro Chagas.

O *discurso sobre as navegações dos portuguezes*, pronunciado no Atheneu de Madrid pelo sr. Oliveira Martins.

Collecção de cartas maritimas, mappas referentes a Portugal e suas colonias. Fazem parte d'esta collecção entre outras muitas peças:

O precioso mappa intitulado *Partes d'Africa*. Este mappa apresentado agora pela primeira vez em publico, é obra dos Reinel, famosos cartographos e geographos portuguezes do seculo XVI, *pilotos portuguezes de de muita fama*, disse o historiador castelhano Herrera. É mui interessante a historia dos Reinel em Hespanha, investigada pelo professor Hamy. Este mappa é propriedade de El-rei o Senhor D. Carlos.

Copia manuscrita da preciosa collecção dos mappas de Vaz Dourado, copia e original pertencentes a El-rei o Senhor D. Carlos.

Os mappas originaes de Lazaro Luiz, *Libro de todo ho universo*, pertencem á Real Academia das Sciencias.

Mappas e quadros demonstrativos dos descobrimentos dos portuguezes, e historia dos methodos de navegação e conhecimentos geographicos em Portugal durante os seculos XV e XVI. Fazem parte d'esta collecção:

El libro de marineria, manuscrito pertencente ao sr. Duque de Palmella.

O livro das *Naus*, manuscrito pertencente á Real Academia das Sciencias.

Os mappas manuscritos demonstrativos das principaes navegações portuguezas, representando: *O cabo de Sagres, a descoberta da Madeira, dos Açores, da Guiné, da ilha de Cabo Verde, do Golfo de Guiné a do Congo, do Cabo da Boa Esperança, do Caminho da India, da primeira circumnavegação da Terra, da America Septentrional e Austral*.

N'estes mappas consagram-se os nomes gloriosos de João Gonçalves Zarco, Tristão Vaz Teixeira, Gonçalo Velho Cabral, Diogo Cão, Bartholomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, os dois Côrte Reaes e Fernão de Magalhães.

Collecção de atlas e cartas modernas de Portugal e suas colonias.

Memorias, monographias e publicações diversas:

O livro do Prestes João das Indias. O livro de Garcia da Orta sobre as drogas da India, edição critica do sr. Conde de Ficalho; edições dos *Lusiadas*, etc.

Reprodução do globo chamado de Nuremberg.

A SECÇÃO ETHNOGRAPHICA consta dos objectos seguintes:

Armas, instrumentos de musica e ferramentas, Ornamentos dos indigenas e utensilios domesticos, Tecidos.

Mascaras e capacetes de guerra, Ceramica.

É rara e de grande valor a collecção de mascaras, tecidas de cipós ou armadas em esqueletos de aves e pintadas em trez ou quatro côres.

Entre os tecidos distinguem-se dois capacetes de

forma grega e um rico manto feito de pennas da Oceania.

A collecção de ceramica brasileira compõem-se da época colonial e da época anterior a Pedro Alvares Cabral. N'esta collecção figuram peças dos antigos barros pre-historicos achados nas recentes excavações da ilha de Marajó; barros mais modernos da provincia do Amazonas em que se notam os mesmos themes decorativos dos barros de Marajó. Entre as cabaças ha alguns exemplares delicadamente pintados em estylo italiano e ornamentadas nas officinas fundadas no Gran Pará pelos missionarios portuguezes.

SECÇÃO D'ARTE EUROPEA, *Mobilia portugueza dos seculos XV, XVI e primeira metade do seculo XVII*. — N'esta collecção figuram os documentos seguintes:

Gancho de ferro, haste torcida, do estylo flamengo, do seculo XV, representando a pomba da arca santa com o ramo no bico. É uma antiga lampada.

Estante representando um pelicano; reprodução d'uma estante do coro da cathedral de Vizeu. O pelicano era a divisa de D. João II. Na *Vita Christi*, impressa em Lisboa em 1495; e em os *jetones* do tempo, essa divisa tem esta mesma forma.

Alfombras de Arroyolos, em lã portugueza tinta por grande infusão em tintas vegetaes. Parece obra arab e feita em Portugal.

(Continúa).



AS NOSSAS GRAVURAS

JULIO FERRY

É notavel o numero de homens de valor e prestigio que n'estes ultimos mezes tem abandonado a terra.

N'este ruir e escabujar do seculo é tristissimo ver partir d'este mundo aquelles de quem bastante se espera.

Julio Ferry era o homem politico de quem a França actualmente mais esperava; agora que ella luctava com a falta de politicos rectos e honrados.

A magna questão do Panamá roubara-lh'os, mas aos poucos que haviam ficado incolumos do infame labeu elevava os ao mais alto da consideração publica. Julio Ferry era um dos que ganhou na estima publica a qual, lhe fora contraria pelos factos que se deram na guerra do Toukin, guerra auctorizada por elle e de cujo andamento sonegara ao paiz as noticias subjectivas.

Começava pois agora a sua reabilitação por estar isento de convicção criminosa do Panamá, foi pois assim que o senado o elegeu ha pouco para seu presidente e até se começava a fallar com insistencia na sua candidatura para a presidencia da republica, quando terminasse o septennato de Sadi Carnot.

Bem dizia pois o nobre presidente da republica franceza n'estas palavras, pronunciadas ao saber da morte de Julio Ferry:

«Desappareceu uma das reservas mais preciosas da Republica.»

Assim dissera o primeiro cidadão da França e a imprensa do grande paiz, foi unanime em reconhecer quanto se soffre com a morte de Ferry.

O *Journal des Debats*, disse que era uma fôrça, e que ha de talvez lastimar-se de não a encontrar mais. O *Estaffete* disse, que no meio da anarchia das consciencias o sr. Ferry apparecia como o guia necessario da democracia extraviada. Os outros jornaes, moderados e radicaes reconheceram quanto eram apreciaveis as grandes qualidades de Ferry. Comtudo os jornaes conservadores disseram que a morte de Julio Ferry deixou um grande vacuo no partido republicano, e que se elle bem mereceu da republica foi nefasto á patria, pois que concorrera para a desmoralisação do paiz expulsando Deus da escola.

E essa desmoralisação cujos effeitos se começam a sentir, far-se-hão conhecer quando tiverem creado uma fôrça superior á que poderia reprimil-a.

Se a lei divina, a lei moral, a lei natural, é aquella d'onde intuitivamente se vão buscar os princi-

pios de direito moral que os legisladores outhor-garam e mais tarde codificando-o deram diversos codigos por onde se regeram e regeu desde secuos todos os povos, porque é que se elimina da escola Deus! ou o que apparente e materialmente o representa sendo elle e sua religião a origem d'essas leis que respeitam? É o mesmo do que venerar e acatar as ordens d'um homem e não o respeitar! Paradoxo a que o genero humano é levado sem o comprehender.

Republicano e socialista o primeiro e o mais puro e convicto foi Jesus, e porque é que o eliminam onde devia estar sempre representado como ensinamento e verdade!

E o resultado é que, hoje os anarchistas são o terror da burguezia franceza, d'essa mesma burguezia que approvou a ausencia da divindade no logar destinado á ministration do ensino aos futuros homens d'um paiz que tem o dever de se tornar acatador dos principios moralisadores.

E não obstante isto, no dia consequente ao da morte de Julio Ferry o vice-presidente do senado proferiu alli um breve elogio funebre do fallecido ex-ministro.

«O illustre extinto — disse elle — consagrou toda a sua vida á defeza das liberdades publicas, á grandeza e extensão da França, e ao desenvolvimento e libertação da raça humana.»

E mais ainda, esta allocução foi escutada com emoção e muito applaudida.

Após, encerrou-se a sessão em signal de lucto, havendo-se votado um credito para o enterro de Ferry, que se realisou no dia 21 de março.

Julio Ferry nasceu em Saint-Dié, nos Vosges, a 5 de abril de 1832. Em 1851 inscrevia-se no foro em Paris, mas occupando-se no estudo da profissão que se propoz seguir, tornou-se verdadeiramente conhecido por um discurso que pronunciou em 1855 sobre jurisprudencia. Collaborou durante largo tempo na *Gazeta dos Tribunaes*.

Em 1864 foi incluido no celebre processo dos treze.

Entrou em 1865 na redacção do jornal *Le Temps*, e tratou com muita energia os assumptos politicos da occasião, mostrando principalmente grande proficiencia n'aquelles que tratavam de finanças.

Em 1868 emprehendeu a campanha contra a administração da cidade de Paris, em que se travaram grandes polemicas.

No mesmo anno publicou um artigo epigraphado por: *Os grandes manejos eleitoraes*, que appareceu no primeiro numero do *Eleitor Livre*, fundado pelos srs. Favre, Picard e Henon, tendo o jornal sido condemnado em dez mil francos de multa.

Em 1863 propoz se Julio Ferry a deputado, mas mais tarde retirou a sua candidatura.

Nas eleições de 1869 apresentou-se novamente como candidato da democracia radical, tendo dois competidores de nome, aos quaes no principio do escrutinio alcançou uma maioria de doze mil votos e no segundo, havendo-se retirado um dos concorrentes, Ferry ficou eleito por quinze mil votos.

Durante as sessões de 1869 a sua importancia oratoria foi-se pronunciando cada vez mais.

Após a guerra de 1870, proclamada a republica, occupou desde logo um papel notavel na politica d'esse tempo, e dia a dia a sua reputação pelos bellos discursos que pronunciou na camara dos deputados, discutindo as mais difficeis questões.

Foi por duas vezes ministro e por fim presidente de conselho, cargo que abandonou em 1887 isto quando ficou á frente do partido opportunistas, por causa da morte de Gambetta.

As suas obras como ministro foram de grande valor e importancia.

E' d'elle a lei que expulsou os jesuitas de França, o que lhe acarretou grandes odios dos clericaes que contra elle emprehenderam uma verdadeira campanha.

Como já dissemos foi elle quem ordenou a occupação de Tunis e a conquista do Tonkin.

Pelo mau successo d'esta guerra teve que abandonar o ministerio e d'ahi nunca mais a sua acção se fez sentir como homem politico.

Só agora, como relatamos, elle se ia tornando sympathico.

Julio Ferry falleceu ás nove horas e um quarto da noite de sexta feira, 17, victima de uma enfermidade de que padecia desde o attentado de que foi victima, em janeiro de 1888.

Grande foi a condolencia que se mostrou e grande foi o preito que a França prestou a este seu honrado cidadão de quem tanto esperava.

EXPOSIÇÃO HISTORICO EUROPEA DE MADRID



SECÇÃO PORTUGUEZA NAS SALLAS N.º 26 E 27

(Cópia de uma photographia)

O CONVENTO DE S. BERNARDINO

APONTAMENTOS

(a Fialho d'Almeida)

(Concluido do n.º antecedente)

Fr. João d'Athaide foi no seculo III conde de Athougua e muito valido e estimado do rei D. João II. Combateu contra os mouros em Arzilla e era muito respeitado na corte pela sua austeridade e virtudes. Nunca do rei quiz acceitar mercês nem terras, e insinuando lhe alguém que se aproveitasse do grande valimento em que o tinha o principe perfeito para obter graças a seus filhos, recusou-se a isso respondendo: *Se meus filhos tiverem meritos não lhes faltará El-Rei com o premio.* Por morte de sua mulher D. Brites da Silva, entrou, como leigo, para a ordem franciscana e ahí acabou humildemente a vida.

A chronica cita as virtudes e milagres de varios frades de S. Bernardino; são d'um pittoresco sabor estas narrativas ingenuas, onde se encontram repetidas multiplicações de pães, nas mãos dos servos de Deus, e outras maravilhas como a d'um frei Pedro de Chaves, que jejuando sempre a pão e agua, e açoutando-se todos os dias a derramar effusão de sangue, era sempre o mais robusto do convento.



Uma das mais curiosas d'estas historias é a do fundador do primitivo convento de S. Bernardino, o hespanhol Fr. Rogerio, que foi famoso *Letrado singular Musico e admiravel Escrivão, servindo d'esmalte a tudo suas varias virtudes, que com o seu bom genio e discreta conversação, lhe davam maior nome entre os que observavam seus bons procedimentos.*

Vivera por sete annos solitario na ilha da Madeira; foi mandado como vogal á Allemanha, ao concilio de Basilca, fundou depois o convento e fugindo ás honras de prelasias, passou ás ilhas de Cabo Verde com um só companheiro, e ali viveu n'uma choça alguns annos, até que, indo-o procurar de confissão, arrependida, a amante do capitão governador das ilhas, o genovez Bartholomeu de Noli, Fr. Rogerio aconselhou esta mulher a que deixasse a irregular vida que ali tinha, e voltasse para o reino. O governador desesperado com a fuga da amante, vingou-se estrangulando o frade e deitando-o ao mar. Isto passava-se em 1466, tendo já Fr. Rogerio 70 annos. Diz tambem a chronica que o mau do genovez, não contente de matar o ermitão, roubara o pobre oratorio, e dera o breviario de Fr. Rogerio a um seu irmão, *frade de certa ordem, que talvez necessitaria d'elle, ou para poupar o seu, ou para se utilizar do seu producto; e com effeito, chegando a Lisboa, teve a bondade de o empenhar por tres mil réis.* Conseguiram os franciscanos resgatar o breviario que foi respeitavelmente guardado em S. Bernardino.

Um interessante episodio da chronica de S. Bernardino é o assalto que uns piratas mouros deram ao convento, em 10 de outubro de 1677. Achavam-se em S. Bernardino uns sapateiros, mestre, official e aprendiz, a fazer a calcearia aos religiosos, e levantando-se de madrugada, com luz accesa, para começarem com o trabalho, lembraram-se de ir á cerca; mal tinham aberto a porta acharam-se cercados de mouros, que surrateramente, alli perto, tinham desembarcado. Foram feridos e agarrados, tentando os piratas levar os captivos para as embarcações; mas o mestre tomou animo e gritou pelos padres que acodissem. Os frades julgaram em rixa os sapateiros, e o porteiro Frei Manoel de S. Diogo, que resava na varanda, pediu as chaves da porta que do claustro abria para a casa onde trabalhavam os artifices, a fim de os

apasiguar; mas, ao chegar á porta exterior, topou logo com um furioso mouro que lhe vibrou tremenda cutilada; desviando-se prompto o frade evitou com o golpe a morte, ficando apenas com o capuz cortado. Demos a palavra ao chronista, porque melhor do que nós conta a historia:

«Era o religioso de igual virtude e valor, mas por conservar a vida tão amavel, vendo que não podia recolher-se á clausura, porque o mouro lhe embaraçava o ingresso, foi fugindo por baixo das parreiras, e fazendo caminho para o lavatorio, encontrou alguns inimigos da committiva, ao mesmo tempo em que os mais se iam já retrahendo desconfiados da presa. Vendo o pobre religioso que o seguiam, usou da industria de se deitar no chão, até que elles passassem, e assim salvou a vida e cobrou animo para chegar fóra da matta, ao lugar da Estrada, a chamar gente que acudisse ao convento, suppondo já que os religiosos estariam todos degolados, por lhe deixar as portas francas. Inteirados os religiosos da qualidade de tão infames hospedes, fecharam logo as portas dos dormitorios, e pondo-se em defese, nas escadas, com pães e os seus bordões, n'estas armas confiavam para a victoria. Picou-se o sino a rebate, fingiram-se mettidos em Praça d'Armas, pedindo-as como soldados, e pedindo ao capitão que mandasse gente guarnecer as estradas da parte da praia, e, fazendo de uma porta tambor, assim disposeram o rebate, obrigados do medo que lhes ensinou esta estratagem de guerra. Foi tal o ruido e estrondo dos religiosos, que, cuidando os mouros ir sobre elles o mundo todo, e que já não achariam as lanchas nas margens do mar, se puzeram em fuga.»

Tudo isto succedeu rapidamente, porque os mouros, apenas uns quarenta, tinham pensado em roubar o convento e não em batalhar, e trataram de salvar-se logo nas duas lanchas em que tinham vindo. De passagem fizeram varias diabruras ás imagens das ermidas e nichos da cerca e da matta, com grandissima magua dos pobres religiosos que tambem lamentavam a razzia feita nas uvas, assim como em tudo o que havia de prestavel na horta.

Diz-nos mais o chronista que da Estrada, aldeia proxima que ainda hoje existe, accudiu muita gente, mas já quando os mouros se iam fazendo á vela. Desculpavam-se de não ter entendido o toque do convento, mas disse-se tambem que o medo os livrou de mostrarem as suas forças, alegando o commandante *que era preciso sairem em formatura porque o inimigo era manhoso; não sei se elles mais para lhe dar tempo á sua retirada.* De tudo isto ficou como memoria guardado no convento um barrete, unico despojo que os mouros deixaram.



Ao dobrar a crista da montanha, n'uma pequena depressão do terreno, d'onde se ergue a riba que se lança para o mar, surge a torre denegrida do Convento, e logo o mosteiro, mais occulto por muros novos, d'onde saem eucalyptos d'um verde sujo e esbranquiçado. As casinhas, em volta, accumulam-se em forma de burgo, antecipando-se a de sua Eminencia, situada n'uma pequena elevação, e muito caiada, com uns ares de modesta garridice. Depois uma sebe viva, de caniços e pitteiras, e uma alta cruz de madeira erguendo-se no espaço.

A rua larga ladeada das myrtaceas e cerrada por muros brancos, guarnecidos de nichos, levamos á igreja, que fica á esquerda, entrando-se n'ella por uma portinha ogival, aberta para o adro e encimada pela imagem do santo padroeiro.

O convento é d'uma simples fabrica, e de dois pisos, o seu interior composto dos repartimentos e accomodações indispensaveis para taes guardas. O claustro sem nenhuma notabilidade archi-

tonica, e nas cellas, estreitas, rasgam-se umas pequenas janellas gradeadas, que deitam para a cerca e para a frondosa matta onde cedros e medronheiros dão agradável sombra. Dois grandes tanques embellezam a horta e o jardim, e são alimentados pela agua d'uma fonte toda arrendada de avencas e de fetos. A matta estende-se pela montanha, que o vinhedo revestia em epocas atrazadas, e os pinheiros agrupam-se até á costa, que fica a grande altura. Batem alli com furia as vagas das tempestades, mas em dias serenos, pelas quebradas, é delicioso ver desdobrarem-se os rolos azues franjados de espuma, nos estreitos e luzentes areaes.

A igreja, adquirida com o convento em 1885, hoje restaurada pelos modernos franciscanos, é bonita, modesta e não tem de novo cousa alguma que disperse particularmente a attenção. Conheci-a em ruinas, as grossas paredes esboracadas. O chronista dizia d'ella maravilhas; era toda d'abobada, muito ornada de pinturas, e guarnecida de bellos azulejos; a capella, em meia laranja, com seu apainelado, a tribuna, de excellente talha, fóra regalo do beneficiado João Gomes Figueira, d'Obidos, o qual concorrera para outras varias obras do Convento. Falla tambem n'uma cruz de prata, primorosamente lavrada, que se conservou até á extincção das ordens religiosas em Portugal, e que fora obtida de esmolas por um leigo.

Na capella-mór, do lado do evangelho, em sepultura levantada, jaziam os ossos de Frei João d'Athaide, em quem já fallamos, e no pavimento da mesma capella estava a sepultura da condessa d'Athougua, D. Joanna de Tavora, mulher de D. Luiz d'Athaide, o notavel vice rei da India, filha de Luiz Alvares de Tavora e de D. Fulippa de Vilhena, e sepultada em 1570. Junto da mãe jaziam duas filhas de D. Luiz d'Athaide, mortas anteriormente.

Os condas d'Athougua foram, por muitos annos, grandes protectores d'este convento, mas D. Luiz d'Athaide, fundando no mesmo anno em que lhe morreu a mulher, o novo convento de franciscanos do Bom Jesus, em Peniche, hoje em completa ruina, n'elle empregou as suas devoções e escolheu sepultura.

Com a derrocada dos frades, os ossos do nobre fidalgo e grande vice-rei, foram arrancados do seu tumulo e atirados a esmo para um canto da sacristia de Nossa Senhora d'Ajuda, em Peniche, onde, ha talvez uns quatorze annos, eu os fui encontrar no mais desprezivel abandono. (1) Quem se importa hoje com as venerandas cinzas d'um heroe?...

Ainda, junto ao cruzeiro de S. Bernardino, estava mais uma fidalga sepultada, com as armas dos Eças, e o nome de D. Jaime d'Eça.

Entre outros homens de merito deixou n'este convento memorias suas, o notavel escriptor, Frei Antonio das Chagas, que aqui costumava vir descansar das fadigas de pregador.

Os reis, D. Affonso V, D. Manoel, Filippe II e D. João V, concederam a esta casa varios privilegios, e entre elles o não pequeno, dado por D. Affonso V, em alvará de 6 de janeiro de 1456, de que todos os homens servindo no convento, ficassem isentos de qualquer encargo publico, assim como de pagar fintas, ou outros quaesquer tributos.

Eram 4 d'outubro, o dia de S. Francisco, eu fóra de passeio a S. Bernardo impulsionado pelas



gratas recordações que lá me chamavam. Desagradara-me saber na estrada que havia festa, tinha saudades d'aquella solidão magestosa e receiava ir enconral-a transformada em arraial.

(1) Vid. vol. III do OCCIDENTE, pag. 142 e 145.

Ao chegar não encontrei viva alma, soprava uma nortada rija, que torcia os ramos das tramagueiras e fazia gemer os pinheiros, um vento agreste, mais vivificante, que se aspirava a largos haustos.

Entre no adro da igreja, estava cheio de gente, que, não cabendo lá dentro transbordava pelos degraus da estreita portinha e apinhava-se contra a parede do lado esquerdo espreitando para o interior da igreja, donde sahia a voz d'um padre que pregava. Era uma voz d'extranha suavidade, acariciador, appellativa, parecia fallar a crianças; as notas graves mais severas tinham ainda um entono amoroso. Attrahiu-me, e rompendo por entre o povo consegui approximar-me da porta para ver o pregador. Que extraordinaria sensação! Uma pulverisação luminosa que banhava os objectos, dando-lhe um tom phantastico, parecia encher o templo, e n'este fundo destacava o pulpito e a singular figura do pregador, um frade com o seu habito correcto, o capuz cahido sobre os hombros.

A cabeça, distincta, n'aquella penumbra tinha um tom de pallidez marmorea; golpes de luz accentuavam-lhe as saliencias do rosto e tornavam mais profundo o cavado das olheiras; os olhos pequenos mas expressivos, ora tinham o apagado tom de resignada doçura, ora brilhavam como relampagos. Apregoava as virtudes de Francisco, sua caridade inexgotavel, a sua humildade sobre-humana, e, chegando á glorificação do mystico religioso, cuja identificação com o Christo fizera que fosse merecedor de receber d'elle os sagrados stigmatas, o frade representando ao vivo essa scena d'ext-anho extasi, com os olhos erguidos para o alto, as mãos estendidas e abertas, lembrava uma pintura de frei Juan Rizi.

E o povo rustico, aldeões de mãos callejadas e d'aspecto duro, escutava silencioso dominado pela magia do gesto e da voz do pregador. Eu comprehendendo o dominio que a religião teve e terá em todas as epochas sobre os rudes espiritos, que esmagado o corpo pela insana lucta do trabalho e da miséria, obedecendo a essa aspiração do bem que existe no coração humano saciam nas esperanças promessas do além a sua sede de justiça. Que loucos somos nós os homens da sciencia, quando levados embora pelo amor do que julgamos a verdade arrancamos do espirito do povo ingenuo essas crenças que são, não só a sua poesia mas tambem a sua felicidade.

O sermão de Frei Manoel das Chagas, de que apenas ouvi uma parte, fez-me recordar toda essa poetica lenda de Francisco d'Assis, e então uma outra figura me surgiu tambem ao espirito, a de Tolstoi, o conde russo que como o mercador italiano abandonou as riquezas para ir pregar com o exemplo, no trabalho e na humildade a verdadeira fraternidade humana. Francisco era um mystico, Tolstoi um philosopho; todavia assemelham-se porque, inspirados ambos pelas doutrinas de Christo apregoam o desprezo das riquezas e dos gozos sensuaes, e cifram todo o dever e toda a felicidade no vasto e intenso amor, que abrange o universo e eleva o homem da natureza a Deus.

Alguns espiritos fatigados de tentar o esgotamento d'esse fundo poço onde procuramos a verdade, e d'onde Darwin nos trouxe a convicção da necessidade atroz da lucta pela vida, e Schopenhauer o desalento filho das miserias d'esta existencia que tanto amamos, almejam já a paz dos que conseguem o aniquilamento de si mesmo, o qual é bello, quando se transforma em amor pelos outros.

E' d'este estado da alma que se geram os Tolstoi e Francisco d'Assis e enquanto o mundo se agita em ambições desenfreadas e loucos desvarios o philosopho diz: «A vida é a submissão da individualidade animal á razão; o Amor a unica actividade racional do homem» e o mystico poeta canta:

Amor de caritate
Per l'he m'ha si ferito?
Lo cor tutto partito,
Et arde per amore,
Arde e incende,
Nullo trova loco
Non pó fugire, perché l'é ligato;
Si se consuma, come la cera al foco,

(Illustrações de Villaça, Baeta e Freire)

B. Sesinando Ribeiro Arthur.

A EXPOSIÇÃO DO «GREMIO ARTISTICO»

Vimos demasiado tarde para darmos novidades da exposição de Arte que o *Gremio Artistico* abre

anualmente, nas salas da Academia de Bellas Artes; mas que o leitor nos releve a tardança pela boa intenção que a determinou.

Expliquemo-nos. E' de ver a celeridade com que a critica corre a apossar-se da exposição, quasi com receio de não chegar ao dia seguinte, e essa celeridade tanto prejudica a critica como os criticados.

A critica assim faz-se de leve, diz barbarismos, falla até do que devia passar em silencio, e o que é mais extraordinario, parece ter muito mais prazer em desdenhar e fazer espirito de tudo, do que louvar e alegrar-se pelo que realmente tem valor.

A critica n'estas condições é extremamente prejudicial para os artistas, aos quaes é preciso uma grande philosophia para serem superiores aos chascos e grosserias de certos parasitas arvorados em criticos, a quem muitas vezes a inveja morde pela limpeza e merito dos outros, que procuram ser uteis trabalhando honradamente.

Além d'isto o publico, que não tem uma consciencia muito nitida, sobre as qualidades que recommenda ou condemnam estes ou aquelles quadros da exposição, deixa-se influenciar pela critica, apaixonada ou tola, e d'ahi resulta o retraimento das compras dos quadros, com que os artistas são prejudicados, muitas vezes injustamente.

Não nos envolvamos, pois, n'essa critica peccaminosa, para que não nos assoberbem os remorsos.

Tão consiso quanto breve, teremos a vantagem de ganhar o tempo que se foi, e de nos afastarmos das catadupas de critica que se teem despeinhado pelas columnas das folhas diarias, com um conhecimento d'arte e sciencia, que faz pena que cada um dos criticos não seja um artista para fortuna e gloria da arte nacional.

Sempre assim: muito mais facil criticar do que fazer, caracteristico da verbosidade nacional, muito atarefada a criticar os que fazem alguma coisa, cheia de complacencia para os que não fazem nada, e para cumulo, muito d'estes que nada fazem, são os maiores criticos dos que fazem alguma coisa.

D'aquí o concluir-se que n'este paiz a ociosidade vive muito melhor, respeita-se e até chega a alcançar nome, celebridade.

— Fulano é muito illustrado; e entendido. Tem viajado e visto muito. Tem muito merecimento!

— E que faz elle?

— Elle! não faz nada.

— Ah!

Mas como nós iamoz dizendo, chegamos tarde para nos espriar-mos em grandes considerandos sobre a copiosa exposição, que este anno o *Gremio Artistico* apresenta á curiosidade lisboeta.

Copiosa; nada menos de 260 obras d'arte apresentadas por 77 expositores, no numero dos quaes se contam Suas Magestades El-rei D. Carlos e Rainha D. Maria Amelia, que tiveram a amabilidade de honrar a exposição com as suas obras, salutar exemplo animador que tem feito com que muitos amadores, entre elles distinctas senhoras, concorram a este certamen com estudos e obras, algumas apreciaveis.

E o que é certo é que os amadores são n'esta exposição muito mais que os artistas, e enchem as paredes das salas com as suas pequenas e grandes telas, porque tambem já enchem telas de respeitaveis dimensões.

E' animador ver que a arte vai sendo cultivada em tão larga escala, porque enfim, sempre se ha-de colher alguns fructos d'esta sementeira.

No nosso pequeno meio d'arte temos alguns exemplos de amadores se tornarem artistas. Agora, nos lembra Lupi, o visconde de Menezes, que se póde considerar um artista, e na pintura como na esculptura, na musica e até na gravura.

No entanto parece-nos que devia haver mais um bocadinho de exculpulo da parte do juri de admissão, porque em verdade algumas das obras expostas estão abaixo de toda a critica, e se os amadores e discipulos dão suffrivel contingente de nulidades, os considerados artistas tambem apresentam algumas obras que melhor fóra terem tido o bom senso de as não exporem a publico.

E porque a critica nada tem que ver com ellas, não seremos nós que quebraremos o silencio que a seu respeito se deve guardar.

Abrindo o catalogo da exposição encontramos, em primeiro logar os nomes de Suas Magestades El-rei D. Carlos e D. Maria Amelia, como aucto-

res de tres obras que expõem com o mais louvavel proposito de honrarem a exposição e animarem a arte nacional.

E' uma fineza para agradecer e que mostra o grande interesse que os monarchas tomam pela arte.

Um esboço a pastel, de um *Combate naval* e uma *Paizagem do Ribatejo*, tambem a pastel, são os quadros de El-rei, despretenciosamente feitos, n'algumas horas d'ocio, bem aproveitadas cultivando a arte.

Uma pequena tela, *Pescador*, é o quadro com que a Rainha a Senhora D. Maria Amelia honra a exposição.

D'este quadro e da *Paizagem do Ribatejo* esperamos publicar as reproduções em gravura, n'um dos proximos n.º do OCCIDENTE, pondo assim ante os olhos dos nossos leitores estas duas obras d'arte a que basta o prestigio dos nomes que as firmam.

(Continúa)

Xylographo.

MANHÃ DE ABRIL

L'homme parle à soi-même.
V. Hugo (*Les Misérables*).

Accorda, a alma sorri. Porque será que a alma quando o corpo vela?

Accorda, accorda já, que se apagou no ceu a ultima estrella. Accorda, minha alma, minha amante, que vives no meu corpo torturado, como na ostra a perola brilhante!

O disco illuminado do sol virá em breve das montanhas. Vem-lhe saudar a apothose eterna com canções sentidissimas, extranhas, com uma prece terna.

Já te sinto soltar dentro de mim as tuas notas magicas de ideias. Mas hoje, como a terra é um jardim, são madrigaes as tuas epopeias!

Emquanto a madrugada, que decorre, nos meus olhos atonitos se espelha tu, minha alma, minha musa, corre, vôa de flôr em flôr, ó doce abelha! porque depois, no Hymeto do Ideal, da Poesia farás o mel divino, o doce mel fatal.

que é, como o sol, doirado e purpurino!... Porque é a essencia dulcida dos soes de que o poeta embebe o coração: nasce co'a fronte d'ouro dos heroes, morre ao correr o sangue da illusão...

Vôa, Mystério, Inspiração, minh'Alma! luz do meu cer'bro, sangue do meu peito! Insecto d'ouro, n'esta amplidão calma vôa! Não canças, porque o mundo é estreito! Passa, quebrando as perolas do orvalho! Pousa, a beber vida, luz, perfume! É muito plano o solo d'este atalho e eu creio estar n'um cume.

O sol abraza já. Vamos voltar á vossa vida obscura. Vejo ao longe a cidade. Estou a olhar e parece-me ver a sepultura. Adeus, aves e fontes e searas! O alma! vaes de novo adormecer!

Alegres manhãs claras, é p'ra que serve a vida... P'ra vos ver e sentir dilatar-se o coração n'uma explosão d'amor e d'harmonia! crystallisar no peito essa paixão que o cysne tem nas horas d'agonia!

Voltemos. O sol queima a flôr do sonho. Revolta-se a materia. Mais uma vez contemplo o ceu risonho, os verdes campos, a amplidão siderea...

Vaes voltar p'ra o exilio, alma de luz! soffrer da Vida a tragica investida... Tu és filha de Deus... Supporta a cruz até que a morte venha e te dê vida!

Não temas os martyrios... As tuas azas, Pheniz! fez t'as Deus co'as suas mãos, mais brancas do que os lyrios, no aviario magnifico dos ceus!

Mayer Garção.

O REINO DAS SEREIAS

HISTORIA PHANTÁSTICA

(a *Julio de Sousa Pereira Girão*)

(Concluído do n.º antecedente)

— E Buzilda ?
 — Far-lhe-has beber também o exício-soporífero liquor.
 — E achar-nos-hemos juntos quando chegarmos á superfície ?
 — Não o affianço, porque ella é debil e deve ficar mais prostrada, e portanto mais difficilmente accorderá. Mas tens um facil modo de a encontrares. O espirito do liquor, que deves beber, quando a pessoa que o beba está ao ar livre, elle evapora-se e n'essa evaporação toma a forma de vapor luminoso que se ergue em espiraes para o firmamento e que vae caminhando qual fogo fatuo.
 — É então assim que a deverei encontrar ?
 — Certamente, e aqui te deixo esta abúta em que encontrarás o narcotico liquor que quando quizeres beberás e darás a beber a Buzilda. Bebe-o de um só trago e de modo que te não toque nos labios porque o menor contacto ser-te-ha fatal.
 — Logo que o tragues, eu te quebrarei o encanto que Hara te mandou dar e também o de Buzilda.
 Assim fallou a fada Iluja e tendo acabado dirigiu-se para Hara que nos braços de Buzilda continuava sem dar o menor accordo de si.

— Minha pupila, diz baixinho Iluja a Buzilda, vá ter com Laimie. Faça o que elle fizer. É para bem, de ambos. Deixe Hara que me parece simplesmente sem sentidos. Olhe, já chegam soccorros. Lá vem o docelado palanquim em que voltará ao seu reino.

E tendo dito isto mettu-se no palanquim que uns golphinhos cõr de rosa tiravam e ajudada pelas nereides, sereias e coraes vermelhos, depoz docemente n'elle, a rainha que continuava desmaiada.

X

Mar immenso. Vasto mar, ceu infindo. Ceus e aguas são da mesma cõr. Roxas são as vagas mansas, roxo é o firmamento. Uma estrella brilhante se vê no zenith; é a estrella d'alva que vem pallida, como freira surprehendida no seu virgineo catre, pelo raiar brilhante do dia, apõz longa noite de vigília.

E não vem brilhante, não, porque ella illumina dois corpos que sobre as aguas se encontram e ao sabor das vagas vão indo pelo infinito d'esse mundo cerúleo.

Estão abraçados esses dois seres que mal se distinguem, porque estão longe, indecisos, vagos tem a cõr violacea das nuvens que os velam tem a brancura dos lyrios e dos junquillos, tem o colorido dos lilazes, o tom arroxeadado das violetas. O frio transe-os.

Agora, adiante d'elles caminha uma debil chamma luminosa que se assemelha a branca vela d'uma barquinha singrando n'um mar todo feito de ambarquias. E' essa chamma o espirito do liquor que thystas. E' essa chamma o espirito do liquor que se evapora, que se esvae e, que por ser quente, se eleva rapida, qual levissima pluma, formando como que um iris que liga aquelles corpos ás mansões ethereas do celeste azul.

Já o astro-rei começa fundindo as perolas de rócio em regiões mais orientaes, já elle caminha e qual chuva de ouro vae cahir e aspergir os dois corpos que parecem mover-se ao contacto dos raios vivificadores da estrella mater.

Movem-se, sim e já se beijam, pois, que se amam. São Laimie e Buzilda.

Ohsmos, uma onda mais forte os impelle para o oriente, agora outra os levanta a seu cimo, outra os arrasta como que para o abysmo. Já os não vemos. Somem-se, escondem-se á nossa vista.

Estarão perdidos ?
 Não, uma maré mais propicia os leva, os empurra, como Iluja predisse, ás margens do Imperio celeste oriental.

XI

N'essa epoca, o Imperio celeste oriental, ou antes, o *dos beijos*, demorava em regiões inlatitudes da terra, ninguem pudera marcar a longitude, mas tinham notado não haver n'esse paiz o crepusculo, aquella transição da luz, tão poetica, aquella hora vaga e triste em que se medita e se eleva a alma atravez das mansões ignoteas, já evocando-se o perdido, já como que chorando alguma alegria

passada de prazer fugitivo e breve do qual a propria lembrança, a unica recordação, se esquece. Hora bendita em que os passarinhos recolhendo-se ás arvores para se abrigarem, e aos ninhos para aquecerem a prole ainda implume, vão chileando mais docemente mas sem contento. Então cahe pensativo aquelle que está longe dos seres que estremece, aviva-se-lhe a dôr, e contrariamente ao prazer recorda-se de outras dôres que alanceando o coração o despedaçam, o dissolvem.

Existem no Imperio oriental, flores, mulheres e passarinhos.

As flores, as de corolla grande, abrem-se ao espreguiçar-se do sol matutino e fecham-se, qual escriptorio de joias, ao morrer do dia.

Inumeros arthropodes se aproveitam jubilosos do abrigo que lhes offerecem as pétalas quando cerradas.

As mariposas embora voltejando em torno das flores voando d'uma para outra, n'esse vaguear, mais ao cahir da tarde, só buscam doce ninho em que pernoitem. Servem-lhe de leite as carpellas, e de aureo lençol o tenuissimo pollen.

As douradas abelhas apõz o terem sorvido o nectar a myriades de phanerogamicas vão também repousar n'esses ninhos foliaceos e aromatisados como os coxins molles e voluptuosos d'uma odalisca favorita de um nababo, possuidor de sumptuosos serralhos, de maravilhas e punhaes hervados, com engastes de pedras preciosas.

As mulheres n'esse paiz de encantos — o *dos beijos* — são de formosura igual á das filhas da primavera; seus pés são pequeninos como as delicas mãos d'um Menino Jesus; os cabelos são azues como myosotis; os olhos são verdes como os virgineos limões das terras insulanas. Os labios são mais rubros do que as cerejas amadurecidas, mais vermelhos do que os rubis, mais roseo-vivo do que os rubidos coraes do reino das sereias. A cõr da pelle é d'uma cõr marfim-mate e que só poderia imital-a um mixto de leite e de rosas. Emfim, são mimos da criação do ser divino que alli em tudo preside.

Os passarinhos, são de plumiferas caudas flamantes e irrisadas como o penacho do elmo dos cavalleiros da idade media e ondulantes como a pluma do penteado d'uma dama palaciana, em epocas mediavaes. As roméiras d'essas avesinhas semelham pendentes pedrarias rutilantes como granadas, topazios e opalas, tem os biquinhos jaldos como metal cuprico, unidos e finos como pinças de ouro. As cristas — nos que a tem — parecem feitas de purpura congelada. Alguns dos passarinhos são microscopicos como bacterios, e, comtudo gorgeiam, cantam, como só se canta no reino das sereias.

XII

Apesar da diversidade das tres especies de seres que constituem o Imperio celeste, a linguagem d'esses entes é commum e unica — a *dos beijos*. Com este idioma sensualista, do qual pouco se conhece o vocabulario, se exprimem todas as sensações, paixões, desejos e pensamentos. E então especialmente entre as flores humanas a sciencia e a etymologia do beijo é interessante. Por curiosidade damos algumas significações emprestadas do elucidario respectivo e que era escripto em persico.

«Para communicar amor em signal de assentimento a pretensão de outrem, dá-se o beijo na bocca. As mães dão-n'o na face, o que significava affecto extreme. Beijar-se os olhos é sentimento doce e encantador; na testa, paz e tranquillidade; no nariz, confiança; no peito, impureza; na garganta, ternura; na orelha, pureza; no pé, servilismo; na mão respeito; n'um dedo, desprezo; no collo, desejo; no pescoço, amor ardente; n'uma flor, timidez; na barba, despedida; no hombro esquecimento.»

Mas esta etymologia do beijo era restricta a um só, e ella variava com o numero.

Comtudo não era permittido expressar qualquer sentimento por menos de trez *bu* (beijos), o que dava logar a que diversas sensações ou ideias levassem bastante tempo a dizer por beijos, o que totalmente não desagradava ao *fluente* orador beijante e parece-nos que também ás formosas *audientes*.

Emfim, inferia-se do numero de beijos o calor d'uma discussão ou a vehemencia d'um affecto.

XIII

E' noite no Imperio celeste.

Um luar doce como um beijo de mãe vae lan-

çando sobre o terreno silicioso, um vasto lençol de prata.

Uma suave briza perpassa pelas flores e tangendo vai as pétalas das açucenas e produz doces accordes nas corollas dos nenuphars.

Noite de luar, noite de noivado em que as flores se separam pela briza, se escutam pelo cicio brando, e juntam, casam seus perfumes, n'um aroma geral.

Segredam suaves canticos de amor e choram perolas que o rociar lhes outhorgou. Ao longe ramalham plangentes os mais altos arbustos e como gemebundo mandolim d'enamorado desditoso, desferem notas dolorosas e cavaes, ás quaes a pezada athmosphera nocturna augmenta a tristeza.

Paiz d'encantos, elle se estende ao longo dos mares que lhe beijam as siliciosas praias, que lh'as beijam com respeito como que temendo-as mular.

A areia d'essas margens é semelhante ao auri-fero pó das minas. O mar arroja-lhe muitas das variadissimas conchas que possui, as quaes enterrando-se na praia se incrustam em zig-zags encantadores pela variedade e pela luz brilhante e branca que reverberam quando os ratos luarentos sobre ellas incidem. São outros tantos arabescos argenteos, marchetando os vastos areiaes, semelham um outro firmamento, em que o céu é de ouro e as estrellas são de prata.

Nada ha que nos dê ideia mais viva da distancia a que nos achamos da mãe patria do que a vista e contemplação d'um ceu desconhecido. E' bem dolorosa essa contemplação para aquelle que ama extremamente a sua região natal e o seu firmamento tanta vez contemplado. E quando repara nos myriades de estrellas que sobre elle gravitam, nas suas multiplicadissimas orbitas, sente que se lhe confrange o coração e um vago terror, mixto de saudade e incerteza, se apossa d'elle.

Nascera n'um meridiano em que a abobada celeste era azul como anil e transparente como o veu alvissimo d'uma noiva; n'esse ceu elle via as constellações da *Barca*, da *Ursa maior*, *Cynosura*, e tantas outras agora substituidas pela do *Navio do Camaleão*, etc. Aquelles *cumulus* enovelados como flocos de niveo algodão, que elle seguia com a vista quando ás tardes de estio nas eiras, junto as medas de louro trigo, se abandonava ao repouso do corpo inscandecido pelos raios d'um sol creador, um sol de julho que colore as uvas, e amadura os aveludados pecegos.

Assim, o firmamento do Imperio celeste differe do meridional. E' verde como esmeraldas empalidecidas, e as nuvens são luminosas como as de Magalhães.

O dia é igual á noite e as horas alli são contadas, como na Russia, desde uma até vinte e quatro, pelo que difficil é hoje, achar a relação entre os nossos dias e os d'aquelle paiz perenne de encantos.

Pela mesma razão geographico-mathematica que lhe rouba o crepusculo, também não existe alli, o alvorecer gradual e pouco sensivel.

A luz jorra subitamente ao nascer do sol que n'um certo momento a tudo dá luz e calor — a vida.

Abrem-se as corollas das flores sequiosas dos effluvios luminosos e quentes.

N'esse instante despertam do lethargo em que jazeram, todos os seres do imperio *dos beijos*, flores, mulheres e passarinhos.

XIV

Tambem lá ao longe, muito ao longe despertam dois seres que abraçados se encontram na praia. Foram alli arrojadas pelo mar, por esse cerúleo gigante que ora nos embala com amor, ora nos traga com voracidade.

Dois dias sobre as aguas elles andaram e agora estão extenuados, fracos, abatidos, sedentos e famintos, ainda que no mar, tanto peixe comivel, havia, e tanta agua, tanta!

A fadiga mergulhou-os n'um lethargo tão profundo que dormiram um dia. Acorda-os a brisa fresca e purissima da madrugada. O calor subito que sobre elles os raios sideraes derramam é á maneira de inflorador da vida, d'essa mesma vida, que talvez já tentasse abandonal-os.

Já a incidencia do sol se torna importuna. Espreguiça-se um dos naufragos; é Laimie. Agora curva-se sobre um vulto gentil que sobre a areia, não granulada mas pulverenta, se encontra n'uma postura tão abandonada quanto tentadora. O microscopico pézinho arroxeadado pela humidade, vae colorindo-se como um botão de rosa.

Torna-lhe a vida ao corpo quasi inanime. Já o sympathico Laimie abraça Buzilda que se reanima.

Vão fallar, não, beijam-se. E apóz um primeiro beijo, significativo e etymologico, lá vão dezenas d'elles.

Erguem-se, reconhece Buzilda o seu voluptuoso imperio. Brilham-lhe os olhos verdes como strases esmeraldinos, e descansa o seu olhar languido sobre o rosto do niveo amante.

E um pensamento subito se lhe antolha que trata de comunicar, por beijos, a Laimie, que instinctivamente já conhece o idioma como um scriba jubilado.

Diz-lhe ella, que estão no seu imperio *o dos beijos* e que nada a impede de ella retomar o throno e de juntarem seus destinos.

—Serás meu rei e meu senhor e terás para te servir tantas mulheres quantas quizeres só com a condição de nunca lhe fallares. Não sou ambiciosa senão pelo teu amor, deves pois mostrar o quanto mais frisantemente melhor.

E um beijo muito prolongado rematou esta arenga; então Laimie quasi loúco pelos encantos da imperatriz supplica-lhe attenção e começa fallando o idioma do imperio.

O que elle lhe queria dizer, o amor que lhe desejava testemunhar, o que ambicionava confessar-lhe, não se sabe; o que é certo, indiscutível e affirmado é, que era tanto ou tão pouco, que apesar da eloquencia physica e intrinseca da bella linguagem, elle ainda hoje está beijando a imperatriz Buzilda.

Esteves Pereira.



REVISTA POLITICA

O tratado de commercio assignado ha dias entre Hespanha e Portugal tem entretido os noticiarios das folhas diarias, despertando certos receios sobre as vantagens, que se diz, aquelle tratado trazer para o nosso paiz.

A tal chegou a incredulidade indigena, em coisas de administração ou de politica, alem de que, tratando-se de negocios com Hespanha, é antigo e muito dito, que: «de Hespanha nem bom vento nem bom casamento».

No entanto, os tempos vão mudados, e parece que d'esta vez não ha motivo para desconfianças ou receios, porque se fez o que era possivel fazer em beneficio dos interesses reciprocos dos dois paizes, e se o tratado não der a Portugal os resultados favoraveis que é licito esperar das intenções com que foi feito, só nos poderemos queixar de nós, pelo atrazo em que o trabalho nacional ainda se encontra actualmente.

Effectivamente é das coisas mais difficeis uma nação atrazada celebrar tratados de commercio com quaesquer potencias que não sejam Marrocos ou quejandas, porque não ha equivalencias possiveis para equilibrar a reciprocidade de concessões, e n'estes casos ou não se podem celebrar tratados, ou a balança hade forçosamente pender para um dos lados.

Alcançar vantagens para as industrias mais importantes do paiz, em troca de outras vantagens concedidas á nação com que se trata e que não nos possam prejudicar em absoluto, eis toda a sciencia d'estes negocios, sciencia que não é facil. Ora é justamente isto que se teve em vista no tratado agora celebrado com a nação vizinha.

Quanto ao *Zolverin* em que se fallou, noticia publicada por alguns jornaes hespanhoes, e reproduzida em alguns jornaes portuguezes, não passou de pura invenção de quem tem maiores olhos que barriga, sendo muito possivel que isso fosse o desejo dos nossos vizinhos, pelas suas velhas aspirações a que a comunidade portugueza e a comunidade hespanhola seja uma só.

Mas não pode ser. «Amigos amigos negocios á

parte», é coisa muito sabida. Assim ficamos todos muito melhor, com a necessaria independencia das nossas alfandegas e sem complicações de contas.

O tratado ainda não foi publicado e portanto, não pode ser apreciado em todas as suas particularidades, mas o que se sabe é o que resumidamente deixamos esboçado, isto é: as nossas industrias e commercio mais importantes, obtiveram boas vantagens, em troca de outras concedidas aos nossos vizinhos, facilitando as relações commerciaes entre os dois paizes.

Resta que o parlamento hespanhol e o parlamento portuguez rectifiquem o tratado, para que este se converta em lei e dê os seus resultados favoraveis.

Depois do tratado de commercio com a Hespanha, temos o tratado de commercio com a Alemanha que está em via de conclusão, e já que estamos em maré de tratados, sempre diremos que o afamado tratado que se disse estar concluido com o Brazil, parece que foi por agua a baixo, porque o governo brasileiro o addiio para as kalendas, o que valle o mesmo que dizer que o não rectifica, tratando-se de gente *di lá*.



JULIO FERRY

FALLECIDO EM 17 DE MARÇO DE 1893

A revisão do orçamento tem sido ultimamente o trabalho mais aturado do governo, e consta que n'essa revisão se tem encontrado bastante por onde cortar.

O conhecimento das economias que se podem fazer, é importante para se saber com que se pode contar e poder dizer a ultima palavra sobre o negocio dos credores estrangeiros, negocio que parece estar em bom pé de se concluir airoosamente.

Muito estimariamos ter que applaudir o governo por levar a bom porto de salvamento este desgraçado negocio, espiação bem dura de tantas loucuras commettidas, assim como lhe não regatearemos louvores se proseguir no caminho encetado de administrar bem os dinheiros publicos, defendendo os interesses do thesouro dos assaltos dos syndicateiros, que disfarçadamente querem partilhar dos rendimentos publicos, substituindo se ao fisco.

O caminho até agora seguido pelo sr. Fuschini não se afasta das theorias pregadas pelo tribuno, e vamos a vêr se s. ex.^a será a *avis* rara dos ministros a quem a posse da pasta não altera completamente as idéas anteriormente expendidas.

O que se está dando com a cobrança das dividas ao Estado, é um acto de energia e de moralidade, que faz honra ao sr. ministro da fazenda.

Mais importante que o valor d'aquellas dividas é a desmoralisação que ellas representam, desmoralisação a que é preciso obstar por todos os modos, se ainda existe algum amor a esta nacionalidade.

O governo que conseguir moralisar a administração d'este paiz, será um governo duas vezes benemerito.

Conseguiu-o ha o actual?!

E o que se hade vêr.

João Verdades.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Brinde aos srs. assinantes do Diario de Noticias em 1892. Typographia Universal, Lisboa.

Compõe-se este livrinho de trez formosissimas narrativas, a primeira de Pinheiro Chagas: *O naufragio de Vicente Sodré. Estreia de um curioso*, por Aristides Abranches e o *Herdeiro de minha tia* por Alberto Pimentel.

As trez narrações são muito agradaveis sobresahindo, *O naufragio de Vicente Sodré*.

A Bandeira Branca. Revista religiosa, e politica, sob a direcção de Abundio Silva. Vianna do Castello.

Folheto em 8.^o, 12 paginas, matizadas de diversos artigos e poesias. O numero que temos presente é o primeiro com a data de 19 de Março de 1893. Traz na cabeça os dois veiros de Camões:

Torne-vos vossas forças o Rei novo
Se é certo que c'o o Rei se muda o povo.

E mais:

Acude e corre pae, que, se não
corres
Pode ser que não aches quem so-
corres.

O seu artigo de fundo é uma homenagem sincera a Pinto Coelho.

Lyra da Mocidade (primeiros versos) por Faustino Fonseca Junior. Angra do Heroísmo, 1892. Impresso na Typographia Artistica, rua do Visconde de Bruges, 29.

É um apreciavel livrinho de 64 paginas, em oitavo francez. Sua leitura impressiona bem. Dos seus vinte e seis pequenos poemas, alguns são bem feitos e com predicados agradaveis, taes são *o Mar*, *A bordo*, etc., o que nos mostra que o jovem poeta sabe pintar e com felicidade as suas impressões nos ceruleos campos.

Comtudo um poema que tem o titulo *Caridade*, vale todos os outros. A philosophia e os conceitos expendidos agradaram-nos bastante na essencia e na fórma.

O Civilizador, n.^o 2, redactor principal Gabriel d'Almeida. Ponta Delgada, S. Miguel, 1893. Este folheto de oito paginas, é de leitura agradável e instructiva e civilizadora. Este hebdomadario vem prehencher uma lacuna que existia em S. Miguel. E' distribuido gratuitamente pelas escolas e asylos o que além dos predicados que exarámos junta o de benemerito da instrucção popular.

Não possuímos o primeiro numero.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1.200 réis.

Pedidos á empreza do «OCCIDENTE»
Largo do Poço Novo — Lisboa

Adolpho, Medesto & C.^a — Impressores
R. Nova do Loureiro, 25 a 39